

## GUERRA CONTRA O PARAGUAI: MEMÓRIA E TRAJETOS DO CONFLITO EM COXIM<sup>1</sup>

Caroline Guimarães<sup>2</sup>

Adílson Rodrigues<sup>3</sup>

**Resumo:** Propomos análise sobre a relação da região de Coxim do antigo sul de Mato Grosso com o conflito envolvendo os países Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, denominado Guerra contra o Paraguai (1864-1870). A ocupação das terras, que atualmente compreendem o atual município de Coxim, pelas tropas paraguaias e, conseqüentemente, a reação do exército imperial brasileiro resultou no episódio relatado e romanceado de Visconde de Taunay: A Retirada da Laguna. Nossa proposta envolve estudantes do ensino médio técnico na prática da investigação histórica e contribuição com a memória do município. Por meio da catalogação de objetos encontrados nos museus e casas de moradores, e atualização dos caminhos percorridos pelas tropas do Brasil em solo coximense evidenciaremos o potencial histórico da região. A participação dos estudantes de ensino médio denota novas formas de aprendizagem no Ensino Básico do país.

**Palavras-chave:** Guerra contra o Paraguai; Coxim; Cartografia

**Abstract:** We propose analysis of the relationship of the Coxim region of the ancient south Mato Grosso to the conflict involving the countries Brazil, Argentina, Uruguay and Paraguay, called War against Paraguay (1864-1870). The occupation of the land, which currently comprise the current municipality of Coxim, the Paraguayan troops and, consequently, the Brazilian imperial army reaction resulted in the reported and fictionalized episode of Visconde de Taunay: The Laguna Withdrawal. Our proposal involves students of the technical high school in the practice of historical research and contribution to the city's memory. By cataloging objects found in museums and houses of residents and update of the paths chosen by the troops of Brazil in coximense soil will highlight the historical potential of the region. The participation of high school students denotes new forms of learning in basic education in the country.

**Keywords:** War against Paraguay ; cushion ; cartography

A partir do quadro histórico que envolve a Guerra contra o Paraguai, elegemos Coxim como objeto de análise com objetivo de ir além dos estudos realizados acerca do conflito platino. Pretendemos investigar Coxim, além do fluxo monçoeiro, ou de um local que serviu de rota às minas auríferas de Cuiabá no século 18, ou ainda de um entreposto de abastecimento e descanso. Estes núcleos teriam sobrevivido à custa das expedições enquanto foco distribuidor do gado para todo o sul de Mato Grosso (Sodré, 2009, p. 69). Nossa

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte das investigações realizadas por alunos do Ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul. O projeto Guerra contra o Paraguai: memórias, objetos e trajetos do conflito em Coxim, tem financiamento do PIBIC/CNPQ/IFMS com os alunos: Bruno Robles Baião, Fauze Ortiz Nimer, Kleiton de Souza Rocha, Vitor Donassolo.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atualmente é assistente de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul. Tem experiência de pesquisa na área de História, com ênfase em gênero, identidade, sexualidade, Imprensa Alternativa e Análise do discurso.

<sup>3</sup> Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professor de História do IFMS – campus Coxim.

proposta é fazer avançar as análises sobre a ocupação da região em período que compreende a Guerra e posterior o conflito, abordando o espaço coxinense a partir de relatos memorialísticos e análise cartográfica e iconográfica.

Durante a Guerra contra o Paraguai (1864-1870), como parte das estratégias para o conflito, Francisco Solano Lopez transformou a Fortaleza de Humaitá no marco do seu poder militar. Construída na margem esquerda do Rio Paraguai, ao sul da capital paraguaia, controlava o aceso fluvial a Assunção, era o mais perigoso complexo militar paraguaio. Formava um sistema defensivo numa apertada curva do Rio Paraguai, possuindo muros, casamatas, artilharia, quartéis, depósitos de munição, oficina, igreja, cemitério, tudo guarnecido por quilômetros de trincheiras. Não obstante, quase duas centenas de peças de artilharia cruzavam fogo em direção ao leito do rio, bem como três pesadas correntes atravessadas de ambas as margens e minas, impediam a passagem de vapores.

Este complexo militar impossibilitava a invasão do Paraguai pela via fluvial. Assim, o Ministro da Guerra Beaurepaire Rohan<sup>4</sup>, encarregou duque de Caxias, general e Senador do Império pelo Partido Conservador, a elaborar um plano de guerra contra a República do Paraguai. A invasão paraguaia seria feita por três colunas. A primeira numa ação conjunta com a marinha entraria no Paraguai pelo Passo da Pátria<sup>5</sup>, cujo objetivo deveria ser anular a Fortaleza de Humaitá e ocupar Assunção; a segunda, no Mato Grosso, protegeria a cavahada e o gado vacum e a terceira agiria em São Borja, impedindo a concentração de tropas em Humaitá e evitar que as forças paraguaias cortassem a retirada das tropas brasileiras, caso o ataque pelo Passo da Pátria malograsse<sup>6</sup>.

O Império resolveu enviar uma coluna para Mato Grosso em Abril de 1865. A Coluna Expedicionária de Mato Grosso foi formada com a convocação das guardas nacionais de Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

O Governo Imperial, através do Decreto 3381 de 21 de janeiro de 1865, convocou os Guardas Nacionais<sup>7</sup> de São Paulo e Minas Gerais para comporem a Coluna Expedicionária de Mato Grosso. A Coluna Expedicionária de Mato Grosso, formada por combatentes que não

---

<sup>4</sup> Henrique de Beaurepaire Rohan. Engenheiro militar foi designado em 1843 para servir na comissão militar de exploração e levantamento do Rio Paraguai, permanecendo em Mato Grosso por quase três anos. Escreveu *Anais de Mato Grosso*, um ordenamento cronológico (1718-1824) sobre os principais fatos históricos da Província, com base em suas pesquisas e anotações. Esta obra sobre Mato Grosso, foi publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso em 2001, na Série Publicações Avulsas, sob o número 20.

<sup>5</sup> Sobre a Batalha do Passo da Pátria, ver: DORATIOTO, 2002, p. 203-11.

<sup>6</sup> Francisco Doratioto. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 117-8.

<sup>7</sup> Sobre a Guarda Nacional, ver: COSTA, Wilma Peres. *A Espada de Dâmocles. O Exército, A Guerra do Paraguai e a Crise do Império*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 25-73; CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem* – a elite política imperial. Brasília: UNB, 1981.

conheciam e nem estavam habituados à região, saiu de São Paulo em 1865, sob o comando do Coronel Manoel Pedro Drago com destino a Uberaba-MG. Em São Paulo, na cidade de Campinas, sofreu com a varíola e deserções, perdendo 165 homens. Em Uberaba foi reforçada pela Brigada Mineira de Ouro Preto. A coluna partiu para Cuiabá em 4 de setembro de 1865 com 1.575 soldados. Cabe ressaltar, que a proposta de Caxias previa o envio a Mato Grosso de uma coluna composta por 12.000 homens.

Após passar por Goiás e Santa Rita, as margens do Rio Paranaíba, recebeu reforços de soldados goianos, passando a contar com 2.080 homens. Novas ordens orientavam a coluna a marchar até Miranda, deveriam ocupá-la e restabelecer a soberania nacional. Coronel Drago, comandante da expedição, relutava em seguir o caminho estabelecido pelas ordens vindas do Rio de Janeiro. Segundo Taunay, “Esta era a indicação expressa do governo; [Miranda] mas, decerto, não agradava a índole timorata do nosso chefe, seguir para aqueles pontos onde poderia achar-se a braços com as mais sérias dificuldades, não dispondo, conforme ponderava em todos os seus ofícios, de nenhuma cavalaria”<sup>8</sup>.

O abandono da coluna era reflexo do descaso em relação a Mato Grosso, considerada por Doratioto a província mais isolada e indefesa do Brasil<sup>9</sup>. Sobre o abandono militar da Província de Mato Grosso, o português Luiz D’Alincourt, situado na historiografia mato-grossense como memorialista militar, já havia denunciado o abandono das forças aquarteladas nessa região, por ocasião dos trabalhos estatísticos realizados em 1828 sobre a província. Suas viagens pelo interior do Brasil renderam aos estudiosos valiosas informações sobre as Províncias, em geral, e particularmente sobre Mato Grosso e Goiás na Região Centro Oeste<sup>10</sup>. Luiz D’Alincourt registrou dados estatísticos e topográficos do Centro Oeste, constante em algumas de suas obras, entre as quais “Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da província de Mato-Grosso”, consta como a mais célebre<sup>11</sup>.

Documentos compulsados no Arquivo Público de Mato Grosso dão conta desse abandono. O Comandante do Presídio de Coimbra ao relatar as condições de aquartelamento, armamento, munição e da guarnição, expõe as dificuldades ali existentes.

---

<sup>8</sup> Idem, p. 139.

<sup>9</sup> Esse abandono facilitou o avanço das tropas de Lopes

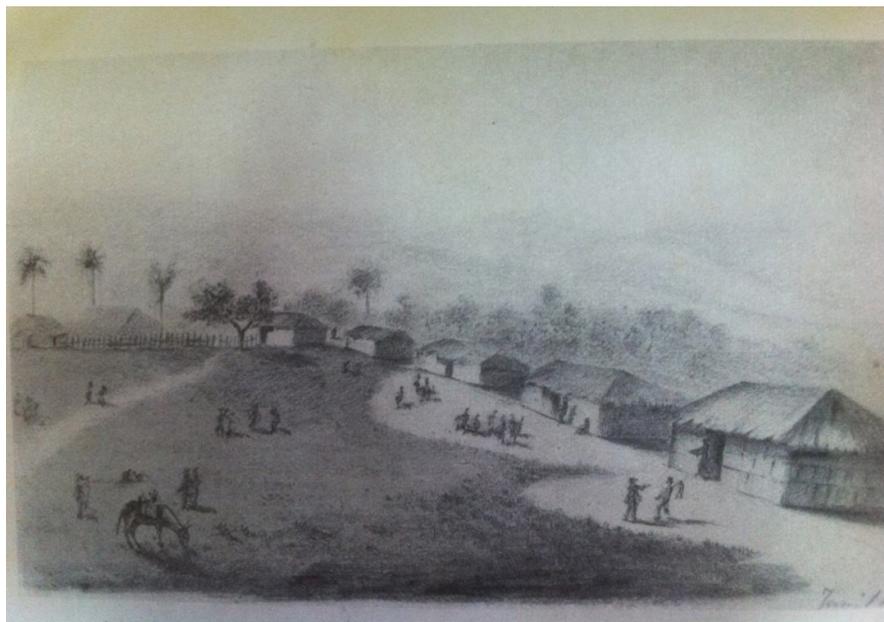
<sup>10</sup> MELLO, Saulo Álvaro de. O ARSENAL DE MARINHA Em Mato GROSSO. Projeto político de defesa nacional e de disciplinarização do trabalho. Do planalto à planície pantaneira (1719-1873). Dourados, UFGD, 2009. Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009. p. 133.

<sup>11</sup> D’ALINCOURT, Luiz. *Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da província de Mato-Grosso* por Luiz d’Alincourt, sargento-mór engenheiro encarregado da Comissão Statistica Topographica acerca da mesma província – Cuiabá, 1828. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 3, 1877-1878.

Guarnição de Coimbra. Esta muito diminuta, por terem várias praças marchadas para Cuiabá, e até o presente não tem recolhido [retornado]. As mais praças da Legião, e Pedestres aqui existentes estão vivendo em grande penúria, pelo muito atraso do fardamento, pagamento, porém a falta mais sensível é o indispensável fornecimento de boca [munição de boca], por esse motivo não se trata aqui de disciplina militar, isto é, exercícios, pois os soldados logo que acabam alimentos a sua guarda, vão montar caça, peixe e frutas silvestres para sustentar a vida <sup>12</sup>.

A penúria registrada por Taunay resultava das dificuldades do Império em guarnecer os pontos mais distantes das dilatadas fronteiras da Província de Mato Grosso. A precariedade dos equipamentos militares e peças de artilharia, também foi alvo das críticas do Sargento-Mór Engenheiro, “porque aqui [Mato Grosso] acha-se a Artilharia quase desmontada, tanto a dos parques do Cuiabá, e Mato Grosso, como a dos Fortes, tendo seus reparos em ruína; sente-se a falta de pólvora, que até é muito escassa nos mesmos Fortes” <sup>13</sup>. A incapacidade de se impor aos seus vizinhos platinos, resultou na invasão paraguaia na noite de 26 de dezembro de 1864, ensejando a marcha triunfante da cavalaria lopesina, nas palavras de Virgílio Correa Filho <sup>14</sup>.

As dificuldades enfrentadas pela coluna as margens da confluência dos rios Coxim e Taquari, foram descritas por Taunay. O autor esboçou um desenho do acampamento, publicado na primeira edição de suas Memórias (1923), nele podemos observar a estrutura dos barracões, caracterizados por uma rusticidade e simplicidade.



<sup>12</sup> Informação sobre o estado atual dos objetos existentes no Presídio de Coimbra e Miranda, na fronteira do Baixo Paraguai. Coimbra, 10 de outubro de 1825. APMT. Lata 1825-B (documentos avulsos).

<sup>13</sup> D'ALINCOURT, 1877-8, p. 123.

<sup>14</sup> CORREA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

Acampamento brasileiro em Coxim. Fonte: TAUNAY, Visconde. Em Mato Grosso Invadido, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1942. Páginas 5 e 57

O próprio barracão da Comissão de Engenheiros, considerados “elite”, era mal feito e mal acabado, sem contar o alojamento dos praças, conforme descrito abaixo:

Os camaradas moravam em esburacadas barracas ou pequeninos ranchos, cobertos de couros e folhas de palmeiras, tudo muito mal preparado e aberto aos ventos e às chuvas, freqüentes naquela estação de pesados aguaceiros. Era, de fato, rara a tarde em que deixasse de desabar violenta trovoadas após ardores estivais do dia abafado e de rigorosa soalheira<sup>15</sup>.

De acordo com Taunay, as cheias prejudicavam o fornecimento de víveres, refletindo dolorosamente na matalotagem, “onde achar alimentos, simples gado, quando todas as planícies ficavam debaixo d’água, “[...] transpor tudo aquilo, dezenas e dezenas de léguas de pavoroso tremedal, oceano de lama em que podiam afundar-se montanhas”<sup>16</sup>. No Coxim, a fome pesava na tropa e andava de braços dados com soldados seminus na mais completa penúria.

Momentos agradáveis em que autor relatou em suas memórias, refere-se à sua estadia na fazenda de Antonio Theodoro de Carvalho. Durante a estadia na morada do sertanista, Taunay observou o cotidiano do local, o que fez inspirar-se na criação do seu personagem Senhor Pereira na obra “Inocência” (1872).

Ao retratar a relação de Carvalho com a família, confunde-se ao Senhor Pereira de “Inocência”, com o retrato da mulher como ser frágil, daí a proteção exacerbada, fruto de uma sociedade patriarcal. Segundo Taunay, o fazendeiro era um exímio leitor de obras filosóficas e da literatura universal, contudo Carvalho não seguia acirradamente os ensinamentos das leituras que realizava e suas ideias causavam temor a sua esposa.

Para Virgílio Correa Filho, a clausura da família, sobretudo das mulheres da casa, impedia que os visitantes tivessem contato, comportamento patriarcal existente nas fazendas do sertão. Era uma forma de preservar a família dos olhos de estranhos ou simplesmente impedia a mulher de participar de assuntos externos ao núcleo familiar. O ambiente da fazenda foi retratada por Taunay em desenho e conforme descrição que se segue:

---

<sup>15</sup> TAUNAY, Alfredo D’Escragolle. Memórias do Visconde Taunay. São Paulo: Melhoramentos [S.d]. p. 143; \_\_\_\_\_. Campanha de Matto Grosso. 2 ed, São Paulo: 1923. p. 13-6.

<sup>16</sup> TAUNAY, [S.d.], p. 146.



Casa de Antonio Theodoro fonte: de Carvalho no caminho de Cuiabá, 2 leguas do Piquiri.

Disponível: <https://www.facebook.com/OHomemDoCavaloBranco/photos/a.420425841345547.102671.420418164679648/489984467723017/?type=1&theater>

#### Sobre a moradia de Antonio Theodoro

É um casarão de pau-a-pique, coberto de sapê, barreado, com dois lances a que se separa pequeno pátio, fechado por cêrca, muito amplo, mas de pé-direito atarracado. Pela frente da casa corre um alpendrado coberto por folhas de buriti e sustentado por grossos taquaruçus. A porta principal é muito larga e está ladeada por duas janelas muito apertadas, mal abertas e assimétricas, o que dá desagradável aspecto à mais que masquinha fechada (CORREA FILHO, 2009, p. 201-202).

Também encontramos informações no “Relatório Geral da Comissão Engenheiros junto às forças em expedição a Província de Mato Grosso” (1874), produzida por Taunay nos anos de 1865 e 1866. O relatório foi publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1874. Através do estudo do relatório encontramos um mapa produzido pela comissão dos engenheiros que atestam localização das duas fazendas, assim como os caminhos que percorreram a referida comissão de engenheiros. O referido mapa, produzido em dezembro de 1866 com o título de “Reconhecimento topográfico dos dois caminhos que conduzem dos Valinhos ao Coxim e Piquiri”, encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (Figura 2).



Figura 1: Reconhecimento Topográfico dos dois caminhos que conduzem dos Valinhos ao Coxim e Piquiry e do que liga esses dois pontos feita pela Comissão de Engenheiros da Força Expedicionária de Mato Grosso em dezembro de 1866. Fonte: Biblioteca Nacional [Editado pelo autor: destaque das fazendas localizadas nos rios Piquiry e Taquary].

Através dessa carta topográfica localizamos as duas fazendas existentes na região próximas à cabeceira do Rio Taquari e também ao rio Piquiri. A produção dessa carta ocorre durante a Guerra do Paraguai, nela encontramos informações sobre os caminhos que a comissão da força expedicionária percorreu pelo sul de Mato Grosso no ano de 1865. O trajeto descrito se inicia no córrego de Valinhos e termina na confluência do rio Coxim com o rio Taquari (localizados na atual região norte de Mato Grosso do Sul), lugar que se estabeleceu o acampamento da força expedicionária.

Conforme a descrição de Taunay (1874) a comissão acampou na região do córrego Valinhos no dia 9 de dezembro de 1865. Na descrição do relatório ficam evidentes as informações encontradas no mapa produzido pela comissão. Segundo Taunay essa região era

uma planície onde se encontrava alguns “pés” de aniz e barbatimão, plantas típicas do cerrado. Outra descrição que corresponde ao mapa refere-se à bifurcação presente nessas paragens. Havia um caminho para a região do Coxim e outro para o rio Piquiri. Conforme assinala Taunay pelo “caminho do Piquiry segue-se até a capital da província de Mato Grosso; pelo outro vai-se ao Taquary, ao ponto de sua reunião com o Coxim” (TAUNAY, 1874, p. 240). Para o autor, a intenção dos dois caminhos era uma forma de proteger Cuiabá de qualquer invasão inimiga. Na região do rio Valinhos dividiu-se a comissão em dois grupos que percorreram os referidos caminhos. No Coxim encontrava-se as forças de Goiás. Depois de se unirem partiram rumo a Miranda.



Itinerário topográfico da marcha da Força Expedicionária a província de Mato Grosso desde São Paulo até o Coxim compreendendo a estrada que da cabeceira de Boa Vista se dirige à cidade de Campinas pôr Sant' Anna do Parnaíba, São Francisco de Salles, São Bento de Araraquara, e a parte da estrada-geral que do rio Paranaíba se dirige a Cuiabá pela capital de Goiás segundo as observações de d' Alencourt, construído e oferecido ao Governo de S. M. O Imperador pelo Capitão do Estado Maior de 1ª Classe B. Cel Capitolino Peregrino Severiano da Cunha, membro da Comissão de Engenheiros junto à Força Expedicionária. 1867 (detalhe de carta manuscrita, papel sobre tela, nanquim e aquarela, original depositado no Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.) Fotografado por Beto Felício. Reproduzido de COSTA, Luiz Flávio de C. O caminho de São Bento de Araraquara. In: ALMEIDA, A. M.; ZILLY, B.; LIMA, E. N. (orgs.) De sertões, desertos e espaços incivilizados. Rio de Janeiro, MAUAD/FAPERJ, 2001. p.121.

Esse mapa é uma ampliação do esboço anterior em que representava os dois caminhos que levavam ao rio Coxim e Piquiri. No mapa podemos observar as províncias de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Podemos visualizar nomes de rios, serras e algumas

fazendas localizadas nesses caminhos, Taunay se preocupou em descrever a natureza, a paisagem e o cotidiano do mundo rural no sertão.

Taunay revelou em suas memórias, que em Coxim temeu pela morte, quando foi diagnosticado pelo médico Serafim de Abreu, a guisa das palpitações e pontadas que sentia no coração, sofrer de endocardite <sup>17</sup>.

As péssimas condições sanitárias culminaram 400 homens da coluna<sup>18</sup> em Miranda, vitimados por uma epidemia de beribéri<sup>19</sup>, “Miranda estava arruinada, [tinha sido invadida pelas tropas paraguaias] sem edifícios para alojar a tropa, e carecia de justificativa militar nela permanecer o Corpo Expedicionário; ao contrário, sua geografia facilitava a aproximação do inimigo” <sup>20</sup>.

Enquanto do lado brasileiro, o Sistema Militar não pode resistir às tropas de Lopez, “Do lado paraguaio, a invasão de Mato Grosso foi bem preparada, precedida do levantamento de informações por espões” <sup>21</sup>. Nesse quadro, Augusto Leverger, já reformado do serviço ativo da marinha, foi instado a organizar a resistência de Cuiabá, reunindo tropas e peças de artilharia no Ponto de Melgaço.

Os antecedentes descritos acima sobre a invasão paraguaia, abandono do Forte de Coimbra e a Vila de Coimbra, auxiliam em parte, a entender a indignação do Coronel de Engenheiros José Joaquim de Carvalho em ser substituído no comando da Força Expedicionária de Mato Grosso por Carlos de Moraes Camisão. Sob o comando de Camisão, no dia 11 de janeiro de 1867 a coluna partiu de Miranda em direção a Nioaque, onde chegou a 24 do mesmo mês<sup>22</sup>.

Realizou-se a marcha para Nioac com muita ordem e regularidade. Eram alguns doentes transportados em redes, outros em cangalhas semelhantes aos cacolets [padiola]

---

<sup>17</sup> Endocardite, inflamação interna do coração causada por infecção bacteriana. Sobre os cuidados médicos e as principais doenças que afetavam as tropas em campanha, ver: SOUZA, Luiz de Castro. A medicina na guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: [S.e.], 1972; FELIX JUNIOR, *Oswaldo Silva*. A medicina da Bahia na Guerra do Paraguai. História & Perspectivas, Uberlândia (41): 299-333, jul.dez.2009. p. 299 a 333.

<sup>18</sup> Taunay atribui a morte desses 400 homens ao comando intolerável do Coronel de Engenheiros José Joaquim de Carvalho, a quem chamava de ganancioso, ladino e libertino, do qual tinha penosas recordações. In: TAUNAY, [S.d.] 217-218.

<sup>19</sup> O beribéri é uma doença provoca pela falta de vitamina B1 no organismo, provocando fraqueza muscular e dificuldades respiratórias.

<sup>20</sup> DORATIOTO, 2002, p. 123.

<sup>21</sup> Idem, ibidem. O professor Ney Iared Reynaldo, pesquisou documentos no Arquivo Nacional de Assunção que comprovam a interceptação por espões paraguaios de documentos militares da Província de Mato Grosso. REYNALDO, Ney Iared. Guerra do Paraguai: um conflito anunciado (1852-1864). São Leopoldo, UNISINOS, 2009. Tese de Doutorado em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

<sup>22</sup> TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle, Visconde de. 13 ed. A Retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Ediouro,

usados pelo exército francês na Argélia e da invenção de Larrey<sup>23</sup> [ambulância], no Egito. Grandes serviços nos prestou este excelente modo de transporte. Suavizou, até, os últimos momentos do capitão Lomba, do 21º batalhão, que morreu ao chegar, supremo sacrifício, oferecido ao mau fado da nossa longa permanência em Miranda<sup>24</sup>.

Em Nioaque, a coluna se exercitava para invadir o Paraguai. A tropa atenta aos movimentos de Camisão, questionava, seria a próxima iniciativa? Certamente o abandono de Corumbá feria o orgulho do comandante, “Ia-lhe no peito amarga lembrança que não conseguia remover da mente”<sup>25</sup>. O receio de novamente cair em desgraça perante a opinião pública, o encorajava a invadir o Paraguai, fossem quais fossem as consequências. Acompanhava a coluna, o sertanista José Francisco Lopes, um dos entrantes mineiros que devassaram os sertões de Santana do Paranaíba, juntamente com os Garcia Leal e os Barbosa<sup>26</sup>.

José Francisco Lopes, o guia da Coluna Expedicionária de Mato Grosso, um dos entrantes da corrente migratória mineira, tivera desde a infância, o pendor pelas entradas nos sertões brutos. A família do Guia Lopes, havia sido feita prisioneira pelas forças paraguaias e levadas para Horqueta a sete léguas de Concepción.

Por todas estas razões, nele [Guia Lopes] encontrou o coronel Camisão apaixonado adepto. Desde que, dando-lhe a conhecer os seus projetos, acenou a José Francisco Lopes com o ensejo de, como guia da expedição, ir ter com a família e vingar-lhe os agravos, empolgou o espírito do sertanista brasileiro, que, apesar de todo o ardor, jamais perdeu, contudo, a perfeita intuição das conveniências<sup>27</sup>.

José Francisco Lopes e Carlos de Moraes Camisão, dois homens marcados pela Guerra por razões distintas, feridos no brio e orgulho, tinham razões para se apoiarem e defenderem a invasão do território paraguaio, fossem quais fossem as consequências. Durante a marcha em direção ao Forte Bela Vista, o Guia Lopes diante dos indícios da presença de tropas paraguaias, bradava: “Não estão contentes, preferiam o tempo em que avançavam e os

---

<sup>23</sup> A primeira ambulância foi projetada em 1792 pelo barão Dominique Jean Larrey, médico de Napoleão Bonaparte, para retirar os soldados feridos do campo de batalha sem aumentar seus ferimentos, como acontecia nas charretes sem equipamento que antes eram utilizadas.

<sup>24</sup> TAUNAY. A retirada.... op. cit.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Sobre os entrantes mineiros, ver: CARVALHO, J. R. de Sá. Memórias do sertanista Joaquim Francisco Lopes. O povoamento do Sul de Mato Grosso centenário em Mato Grosso dos Barbosas, dos Lopes dos Garcias (1829-1929). Diário do Sul. Campo Grande, 29 de dezembro de 1929. Ano I, n. 69; BRAZIL, Maria do Carmo. Sobre os campos de Vacaria do Sul de Mato Grosso: considerações sobre terra e escravidão (1830-1889). In: MAESTRI, Mario; BRAZIL, Maria do Carmo. Peões, vaqueiros & cativos campeiros. Estudos sobre a economia pastoril no Brasil. Passo fundo: UdUPF, 2009.

<sup>27</sup> Ibidem.

brasileiros recuavam e fugiam. Ah perros! Que terão feito da minha desgraçada família, minha mulher, meus filhos!”<sup>28</sup>. Com esta fúria conduziu como guia, o coluna ao suicídio.

Continuava sempre iminente a fome. Segundo rebanho de duzentas cabeças, que Lopes ainda trouxera de suas terras, estava a acabar. Nenhuma remessa nova se anunciava e a Intendência em ofício, datado de Nioaque, declarava achar-se incapaz de prover, daí em diante, ao abastecimento de gado. Nesta contingência acentuaram--se as hesitações do coronel com maior freqüência. Deixou mesmo pressentir a necessidade que talvez o compelissem a retrogradar até Nioaque e abandonar provisoriamente os projetos de ofensiva. Como fazia praça em observar, tal idéia, aliás, jamais fora favoravelmente acolhida<sup>29</sup>.

De acordo com Doratioto, “Em 21 de abril de 1867, a força brasileira, composta de 1680 homens – além de mulheres, índios e alguns comerciantes que a acompanhavam - carecendo de cavalaria, atravessou o rio Apa, penetrou no território paraguaio e atacou o forte Bella Vista”<sup>30</sup>. Estava selado o desastre que se anunciara desde a partida de Nioaque – A Retirada da Laguna<sup>31</sup>.

Sem condições de prosseguir marcha por falta de alimentos e cavalaria, Camisão temeroso de novos comentários acerca do abandono da Praça de Corumbá, ordenou prosseguimento da coluna em direção a Fazenda Laguna, pertencente a Francisco Solano Lopes. Laguna foi ocupada em 1º de maio de 1867, sem contudo encontrar o gado esperado.

Sem recurso logístico e sem forças suficientes, o coronel Camisão teve de recuarem su decisão de alcançar Concepción. Ordenou a 7 de maio de 1867, a retirada para Nioaque, que ficou conhecida como a Retirada da Laguna, e á qual se incorporaram índios Guaicuru e Terena. A retirada foi feita sob constantes ataques dos paraguaios, que arrebataram à coluna o gado de corte, o que a levou, novamente, à fome<sup>32</sup>.

Diante do fracasso da expedição, Camisão retrocedeu. O retorno foi lúgubre, horrível, desgraçado, de acordo com um dos seus protagonistas, Alfredo d'Escagnolle Taunay. Nele pereceram o Coronel Juvêncio, o Guia Lopes, o Coronel Camisão, e muitos outros anônimos entre soldados, mulheres e crianças. No dia 1º de junho, a coluna havia transposto o rio Miranda. Artilharia, bagagens, mulheres, crianças esfarrapadas, esqueléticas como cadáveres a mendigarem rebotalhos de comida, andavam na ponta dos pés. Com esta triste descrição

---

<sup>28</sup> TAUNAY, [S.d.], p. 230.

<sup>29</sup> TAUNAY, A retirada..... op. cit.

<sup>30</sup> DORATIOTO, 2002, p. 126-7.

<sup>31</sup> TAUNAY, [S.d.], p. 227-258.

<sup>32</sup> DORATIOTO, op. cit. p. 127.

Taunay relata a chegada a Nioaque. A Retirada da Laguna foi um dos episódios mais dramáticos da Guerra do Paraguai.

No pós-guerra a região de Coxim voltou a ser habitada. Antigos moradores retornaram às suas residências, outros acabaram se estabelecendo com as notícias das pastagens para criação de gado. Dois antigos moradores haviam retornado durante a guerra, com o intuito de recuperar suas terras destruídas pelos paraguaios. Segundo o memorialista Paulino Mendes Fontoura (1995):

Taunay e alguns engenheiros exploraram os caminhos até o rio Piquiri (Pedro Gromes) visitando as fazendas de Antonio Teodoro de Carvalho e seu irmão Luís, que já estavam de volta às suas propriedades, tratando de recuperá-las do saque e incêndios que nelas tinham ocorrido, quando por lá passaram os paraguaios. Ambas as propriedades se localizaram nas proximidades do ribeirão Pedro Gomes, afluente do Piquiri (1995, p. 11).

Outras famílias ocuparam os espaços que se estendiam até o Taquary. Sendo considerados pelo autor como pioneiros, inclusive seus familiares. Torna-se um exagero no discurso do autor remeter esses ocupantes como pioneiros após a guerra. Nestas terras já havia estabelecido um povoado que com a guerra o abandono foi inevitável.

Informações sobre a fazenda de Luis, irmão de Antonio Theodoro de Carvalho, que também foi atacada pelos paraguaios, encontramos na obra de Otávio Gonçalves Gomes, “Mato Grosso do Sul na obra de Visconde de Taunay”. Segundo o autor poderia ser a fazenda Esperança ou imediações que depois pertencera a seu avô Belarmino Alves da Silva, adquirida por Pedro Gomes Monteiro, este enunciado como principal pioneiro da região.

O discurso do pioneirismo está posto como uma garantia de evitar o esquecimento das famílias existentes no município. O discurso memorialista parte desse princípio, escamotear fatos, valorizar personagens e sobretudo defender o princípio do pioneirismo. Os pioneiros aparecem na história de um local como heróis que se dedicaram e fundaram moradias, promoveram o desenvolvimento, são considerados vencedores e formam uma história de progresso.

Parafrazeando Le Goff (2001, 1848), a memória é um instrumento e objeto de poder, daí analisamos a pretensão dos memorialistas que escreveram sobre Coxim, principalmente daqueles que por circunstâncias óbvias, descendência familiar, escreveram sobre seus antepassados enaltecendo o discurso pioneiro. Conforme podemos observar no tratamento dado pelo autor a essas famílias que ocupam a região após a guerra, segundo Fontoura:

Logo após a Guerra do Paraguai, começaram a chegar os pioneiros Pedro Però, João Serrou, Eugênia Fontoura, Dona Chiquinha, Pedro Severo, e muito outros que aqui se fixaram e constituíram família. Muito tempo depois, com a colonização do município vieram os nordestinos (maranhenses, paraibanos, cearenses, pernambucanos, baianos e muitos outros) todos eles pioneiros (FONTOURA, 1995, p. 11).

A análise realizada dos relatórios dos presidentes de província, principalmente documentos referentes à Coxim (Núcleo colonial Taquari e São José de Herculânea), constatamos que no relatório de 1863, do Presidente da Província Herculano Penna Ferreira, consta a descrição do Núcleo Colonial do Taquari, já existia um pequeno grupo de habitantes. No Relatório do Presidente Alexandre Albino de Carvalho em 1864, encontra-se em anexo o relatório do Capitão Antonio Maria Coelho que visitara a região, levantando que no ano de 1863 havia 120 habitantes. No Relatório do Presidente Joaquim José Cardozo Junior em 1872, consta a criação de São José de Herculânea.

Através deste artigo, apresentamos algumas reflexões e questionamentos sobre o conflito platino (1864-1870) no sul de Mato Grosso, bem como a situação dos civis durante a guerra. O aprofundamento científico contribuirá para pensar a História de Coxim, bem como, com a de Mato Grosso do Sul. Pretendemos com isso possibilitar novas fontes para outros estudos que interessam-se sobre a história e a memória do Sertão de Coxim.

## Referências Bibliográficas

### Fontes

CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865 – 1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1929.

Diário do Rio de Janeiro. Sexta-feira, 23 de setembro de 1870. p. 3. Acervo da Biblioteca Nacional. Disponível: [http://memoria.bn.br/rmh/b/pdf/094170/per094170\\_1870\\_00263.pdf](http://memoria.bn.br/rmh/b/pdf/094170/per094170_1870_00263.pdf). Acesso em 18 de junho de 2011.

TAUNAY, Alfredo D'Escreagnolle. *Relatório Geral da Comissão Engenheiros junto às forças em expedição a Província de Mato Grosso*. RIHGB. Tomo XXXVII. Segunda Parte. 1874.

TAUNAY, Alfredo D'Escragno. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: Melhoramentos, 1946.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 15a. edição, São Paulo, Ática, 1987.

TAUNAY, Visconde. *Dias de Guerra e de Sertão*. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

TAUNAY, Visconde. *Relatos Monçoeiros*. História das Bandeiras Paulistas. Relatos Monçoeiros. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975, t. III.

TAUNAY, Visconde. *Retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

### **Bibliografia**

CORREA FILHO, Virgílio. *Pantanaís Matogrossenses: Devassamento e ocupação*. Campo Grande-MS: 2009 (Coleção Documentos para a História de Mato Grosso do Sul).

DOURADO, Maria Teresa Garritano. *História das Mulheres na Guerra do Paraguai: fome e doença sob a ótica do poder patriarcal*. Anais Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis*. A presença feminina na Guerra do Paraguai. UFGD, 2002. Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2002.